

FH: "Não me candidato a mais nada"

■ Presidente diz que aceita assumir comando do combate à criminalidade

SONIA CARNEIRO

HANÓVER, ALEMANHA – O presidente Fernando Henrique Cardoso jurou ontem, em entrevista coletiva no pavilhão do Brasil na Expo2000, que "nunca mais" será candidato a cargo eletivo. Quando os repórteres pediram que confirmasse a expressão "nunca mais", Fernando Henrique ergueu a mão e fez a cruz com os dedos, em sinal de juramento.

Fernando Henrique falou sobre a decisão de não concorrer a mais nada quando lhe pediram que comentasse a segunda reeleição do presidente do Peru, Alberto Fujimori. "Eu não quero julgar se é bom ou ruim que ele se candidate pela terceira vez. Eu não me candidato a mais nada", afirmou.

Apesar dos cortes de verbas, o presidente disse que atenderá ao comandante da Aeronáutica, brigadeiro Carlos de Almeida Baptista, que pediu a liberação de R\$ 3 milhões para reequipamento, e garantiu que até o fim do seu governo o projeto Sivam – sistema de vigilância da Amazônia por radares e satélites – será instalado. "O FMI nada tem a ver com

corte de verba. Isso é coisa de brasileiro com mentalidade colonial", criticou.

Fernando Henrique anunciou que será envolvido, pessoalmente, no combate à violência, ao tomar conhecimento da pesquisa que a Confederação Nacional da Indústria encomendou ao Ibope, na qual 73% dos entrevistados querem que tome essa atitude. "Não quero prender avião que transporte a maconha, mas quem faz lavagem de dinheiro. Não vou subir morro para pegar bandido, mas todos vão sentir a solidariedade do presidente. Há necessidade de mobilização social e não policial", afirmou.

O presidente disse que está "disposto a conversar com todos os setores para motivar a sociedade na luta contra a violência e o narcotráfico", mas ressaltou "Não quero criar ilusões". Segundo o presidente, "o problema é que essa matéria não é para ser tratada como lance político eleitoral ou de afirmação de personalidade". Fernando Henrique disse que só fará o anúncio das medidas do plano de segurança "quando elas estiverem bem amarradas, para evitar frustrações no futuro".



Acompanhado de Schöeder (D), Fernando Henrique visita pavilhão da Expo 2000 em Hanôver

"TOLERÂNCIA ZERO É RESPEITO À DEMOCRACIA"

REELEIÇÃO/FUJIMORI

"A posição do Brasil é respeitar a democracia e não aceitar a colaboração de países que saiam do mundo da democracia. No Peru houve uma eleição, eu não quero julgar se seria bom ou não que o presidente se candidate pela terceira vez. Asseguro que eu não me candidatarei mais. Se as regras democráticas não tiverem sido observadas o Brasil será crítico da eleição, mas se forem, a decisão é peruana e eles tem soberania".

FMI/AERONÁUTICA

"O FMI não tem nada a ver com isso. Os brasileiros não podem continuar com a mentalidade colonial. O Brasil é sócio do FMI mas não se pode imaginar que o fundo vai discutir onde eu vou colocar as verbas. Isso não tem sentido. Não corresponde ao FMI atuar na administração brasileira. Eu jamais aceitaria isso. Com o FMI nós discutimos programa global para restabelecer a saúde das finanças públicas. Eu me comprometi com o brigadeiro Baptista, quando ele foi nomeado comandante da Aeronáutica, de reequipar a Aeronáutica. Vou cumprir. Mas o esforço não é para esse ano. É preciso um programa de longo prazo".

FORÇAS ARMADAS

"As Forças Armadas têm destinação constitucional de salvaguardar a pátria mas podem ajudar no patrulhamento das fronteiras, e nas ações de inteligência contra o narcotráfico e o contrabando. Mas hoje, as Forças Armadas estão mais voltadas para a Amazônia, que será brasileira sempre. É área de preocupação. Temos mais de 15 mil quilômetros de fronteira de terra. Mas outra coisa é deixar as Forças Armadas agindo como polícia. Eles não tem treina-

mento para isso. Nem para enfrentar os distúrbios coletivos de massa nem para combater diretamente a bandidagem. A presença das Forças Armadas é sentida pelo povo como elemento de confiança e é sinal de respeito. As Forças Armadas podem conciliar tarefas mas não na linha de frente do combate à violência".

PROJETO SIVAM

"A lei aprovou que é possível abater aviões que invadam o espaço aéreo brasileiro. Por isso, eu defendo o projeto Sivam com energia, pois ele sofreu infâmia no passado, e principalmente, depois desta nova lei. Até o final do meu mandato vou terminar garantindo a instalação total do projeto que garante o controle total do espaço aéreo brasileiro na Amazônia e isso exige regulamentação para saber quando os aviões da Aeronáutica poderão atuar para saber o grau de eficácia".

SEGURANÇA

"Fui eu quem primeiro usou a expressão tolerância zero. A pesquisa foi feita para ver a reação da população. O que quer dizer tolerância zero? Não quer dizer não aceitar o outro, mas não aceitar qualquer transgressão da lei. Da pequena à grande. Quando a população pede tolerância zero está pedindo democracia. Respeito a lei e não está pedindo arbítrio e muito menos o uso da violência para a obtenção de resultados. Quer dizer que as mudanças que devem se processar devem ser dentro da lei e da Constituição. Não se trata de ação apenas do presidente e do governador mas cada um de nós deve procurar incentivar o respeito aos outros e à lei".

MEDIDAS DE SEGURANÇA

"Há cinco séculos está havendo protelação das medidas de segurança. Tem havido demanda para a compreensão democrática.

Qual é a compreensão democrática? Saiu da lei não pode. Tem que cumprir a lei seja lá quem for. Isso é uma atitude e não apenas uma repressão policial. Não pode ser confundido com autoritarismo. Isso é atitude de comportamento. Cada um dos brasileiros deve exigir esse respeito e as autoridades também. Da minha parte não tolero o desrespeito, nem a mim nem a lei.

PACOTE DA SEGURANÇA

"É preciso acelerar os mecanismos que imponham respeito à lei. Isso é questão do cotidiano. Há uma série de medidas em marcha. Uma delas para acelerar o controle ao narcotráfico. O narcotráfico depende da Polícia Federal. O Brasil é um país despreparado para dar conta dos processos relativos ao narcotráfico e às suas implicações na sociedade contemporânea. Por exemplo: até recentemente, há cerca de um ano atrás, não tínhamos lei para tipificar o crime de lavagem de dinheiro. Estamos preparando um arcabouço institucional para que o governo sem cometer arbitrariedade possa fazer com que a lei seja respeitada. Agora existe uma comissão que permite que a Receita, a Polícia Federal trabalhem em conjunto com os sistemas de inteligência para que possamos saber quem está lavando dinheiro. Uma coisa é prender quem está lavando dinheiro e outra é prender o avião, como se diz no Rio de Janeiro, o passador de maconha. São jovens vítimas do processo. Outra coisa é destruir os focos de criminalidade, contrabando, lavagem, existência de paraísos fiscais. Agora temos os instrumentos, estamos criando os mecanismos e precisamos de mais. Não vamos resolver o problema da violência de forma isolada nem com ato espetacular. É um processo contínuo".